

**A ALTERIDADE COMO FUNDAMENTO DA INTERCULTURALIDADE: UMA REFLEXÃO  
SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA****ALTERITY AS THE FOUNDATION OF INTERCULTURALITY: A REFLECTION ON  
PEDAGOGICAL PRACTICE** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-062>**Fernando da Conceição Sodré**

Mestre em Língua e Cultura

UNEB

E-mail: professorsodreoficial@gmail.com

**RESUMO**

Este artigo analisa a importância da alteridade como fundamento para a construção de práticas pedagógicas inclusivas e democráticas. A partir da obra de Rattero (2021) e de outros referenciais teóricos, discute-se o papel da linguagem e do currículo na reprodução ou superação de preconceitos e exclusões no ambiente escolar. Argumenta-se que a escola, ao valorizar a diversidade cultural e promover o diálogo intercultural, pode tornar-se um espaço de formação crítica e de transformação social. O estudo destaca que a educação não deve buscar a padronização, mas sim reconhecer a singularidade dos sujeitos, construindo ambientes que respeitem e acolham as diferenças. A interculturalidade, nesse sentido, é apresentada como ferramenta fundamental para fortalecer a cidadania, promover o encontro com o outro e preparar os alunos para os desafios de uma sociedade plural e democrática.

**Palavras-chave:** Alteridade; Interculturalidade; Educação inclusiva; Linguagem e currículo; Prática pedagógica crítica.

**ABSTRACT**

This article analyzes the importance of *alterity* as a foundation for building inclusive and democratic pedagogical practices. Drawing on Rattero (2021) and other theoretical frameworks, it discusses the role of language and curriculum in reproducing or overcoming prejudice and exclusion within the school environment. The argument emphasizes that schools, by valuing cultural diversity and promoting intercultural dialogue, can become spaces for critical education and social transformation. Rather than seeking standardization, education should recognize the uniqueness of individuals, creating environments that respect and embrace differences. In this sense, interculturality is presented as a fundamental tool to strengthen citizenship, foster encounters with the “other,” and prepare students for the challenges of a plural and democratic society.

**Keywords:** Alterity; Interculturality; Inclusive education; Language and curriculum; Critical pedagogy.



## 1 INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo analisar a importância da alteridade para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e democráticas, com base na obra de Rattero (2021). O estudo busca compreender como a valorização da diversidade cultural pode ajudar a superar os desafios enfrentados pela educação brasileira, especialmente no que diz respeito a como lidar com a diversidade étnico-racial nas escolas. Com base em uma abordagem qualitativa do artigo de Rattero, este artigo explorará as implicações da alteridade para a educação, além de oferecer uma breve revisão da literatura sobre interculturalidade. Espera-se que este estudo contribua para o debate sobre a necessidade de uma educação que promova o encontro com o outro, superando os preconceitos e desigualdades presentes no sistema educacional brasileiro.

## 2 PALAVRAS QUE EDUCAM, PALAVRAS QUE LIBERTAM: O PODER DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS MAIS JUSTAS

A linguagem, como ferramenta com grande potencial de construção sociocultural, contribui para moldar nossas percepções, relações e, conseqüentemente, a própria educação. As palavras que usamos, especialmente ao nomear e categorizar diferenças, desempenham um papel fundamental na construção de ambientes escolares mais inclusivos ou mais excludentes.

A história da educação está cheia de exemplos de como a linguagem do poder tem sido usada para classificar, hierarquizar e silenciar vozes dissidentes. Ao perpetuar estereótipos e preconceitos, essa linguagem contribui para a marginalização de grupos minoritários e a manutenção das desigualdades. Como tal, a escola deve e também pode ser um espaço de transformação, onde a linguagem é usada como ferramenta para promover a justiça, a equidade e a valorização da diversidade. Nesse sentido. Corroboramos Rattero (2021, p.15) quando ele diz que "Sabemos que as palavras não se limitam a nomear o mundo, mas que o próprio modo de nomear constrói o mundo, nossas possibilidades de ver e construir novos mundos". Essa reflexão do autor nos leva a compreender o poder da linguagem na construção da nossa realidade. Devemos considerar a linguagem não apenas como um instrumento de comunicação, um elemento neutro, mas como uma força que molda nossas percepções, valores e ações, uma vez que as palavras são portadoras de significados socioculturais e históricos que influenciam nossa maneira de interpretar a realidade. Quando escolhemos nosso repertório lexical, estamos evocando um conjunto de associações e valores que podem limitar ou expandir nossas possibilidades de compreensão

Devemos questionar como as diferenças são tratadas nas escolas e como podemos construir ambientes mais acolhedores e respeitosos que coloquem a questão da alteridade no centro da prática pedagógica. Rever as práticas pedagógicas e os discursos dominantes é essencial para desconstruir preconceitos e criar um currículo que reflita a complexidade da realidade e as múltiplas identidades dos



alunos. É fundamental pensar em um currículo que seja construído pensando no OUTRO, ou seja, que valorize o respeito à alteridade. Nesse sentido, Lesteime (2021) aponta que o currículo pode ser produto de uma sociedade conservadora na qual busca manter a ordem estabelecida pelo sistema, reproduzindo desigualdades sociais, econômicas e culturais e reforçando hierarquias e privilégios. Por outro lado, pode servir como mecanismo de transformação social, expressando a aspiração por uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse caso, o currículo busca promover a inclusão, a diversidade e o desenvolvimento crítico dos alunos, ou seja, visa colocar a alteridade em primeiro plano. Com isso em mente. A escola, nesse sentido, deve ser um espaço de diálogo, onde diferentes vozes sejam ouvidas e onde a construção do conhecimento seja um processo colaborativo e democrático.

A análise das diferentes práticas pedagógicas revela a potência dos discursos e representações na educação. Ao naturalizar certas práticas e tentar nomear e classificar tudo, corremos o risco de simplificar a complexidade da experiência humana e limitar as possibilidades de inovação. Considerando o ambiente escolar multicultural por excelência, Rattero (2021) aponta que a desvalorização e a violência contra tudo o que se desvia de um padrão considerado "normal" ou "correto" é cada vez mais natural. Essa violência não é um evento isolado, mas uma prática constante e naturalizada no ambiente escolar, baseada em um conjunto de valores e comportamentos considerados corretos, ou seja, um mecanismo comum de exclusão. A atribuição de rótulos e identidades fixas impede o reconhecimento da mutabilidade de pessoas e situações, perpetuando desigualdades e violências.

É urgente que a comunidade educativa reflita sobre o poder dos nomes e a necessidade de questionar os discursos dominantes. Ao construir uma linguagem mais inclusiva e acolhedora, podemos criar escolas que celebram a diversidade, promovem o respeito mútuo e preparam os alunos para viver em um mundo cada vez mais complexo, interconectado e intercultural. A educação, nesse sentido, não se limita à transmissão de conhecimentos, mas envolve a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de transformar a sociedade e de serem mais sensíveis à alteridade.

### **3 DA PADRONIZAÇÃO À SINGULARIDADE: REPENSANDO A EDUCAÇÃO**

A escola é muitas vezes apresentada como um lugar que busca uma homogeneidade artificial, que ignora a rica diversidade de seus alunos. No entanto, essa busca por um padrão único não apenas limita o potencial de cada aluno, mas também reproduz práticas excludentes e segregadoras. É importante lembrar que, como aponta Pineau (2001), a virada do século XIX para o XX testemunhou uma profunda transformação na educação e na sociedade global, com a expansão massiva das escolas, que se tornaram o principal modelo educacional mundial. Essa mudança, acompanhada de inovações pedagógicas e de uma crescente valorização da educação, não significou, no entanto, a superação de todas as desigualdades e exclusões presentes no sistema educacional.



As escolas tendem a categorizar e rotular os alunos, reduzindo-os a estereótipos. Aqueles que não se encaixam no perfil ideal são marginalizados, tratados como "disruptores" a serem controlados ou eliminados. Além de injusta, essa prática impede a construção de uma comunidade escolar verdadeiramente inclusiva e enriquecedora. Por isso é preciso repensar a educação a partir de encontros únicos e imprevistos, pois eles podem ser transformadores tanto para o professor quanto para o aluno. Nessa perspectiva, a escola se torna um espaço de descoberta mútua, onde o conhecimento é construído de forma colaborativa e dialógica. Por isso, a escola precisa se reinventar, abandonando a busca por um modelo único e passando a valorizar a diversidade como recurso a ser explorado. Precisa romper com práticas que fixam identidades e reduzem a complexidade dos indivíduos a categorias simples e estáticas. Em vez disso, a escola deve promover um ambiente onde todos se sintam bem-vindos e valorizados, independentemente de suas diferenças.

Para construir uma escola verdadeiramente inclusiva, é fundamental que valorizemos as idiossincrasias de cada aluno, superando preconceitos e construindo relações baseadas no respeito mútuo e na confiança, ou seja, valorizando a alteridade. Ao promover a criatividade e a inovação, estimulamos a curiosidade e as habilidades de pensamento crítico, preparando os alunos para os desafios de um mundo em constante mudança. Além disso, é essencial que estejamos dispostos a enfrentar a incerteza e aprender com nossos alunos, reconhecendo que a educação é um processo contínuo de descoberta e crescimento. Portanto, em nossa prática educativa cotidiana devemos refletir sobre o que Rattero (2021, p. 18) postula com razão: "Como nos relacionamos com a alteridade? Como as diferenças no território escolar devem ser tratadas? Como recebemos e acomodamos a pluralidade? A escola pode ser um ponto de encontro?"

A educação, nesse sentido, vai além da transmissão de conteúdo. Torna-se um processo de construção de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de conviver em uma sociedade plural e democrática. Ao valorizar a diversidade e promover a inclusão, a escola contribui para a formação de indivíduos mais completos e preparados para os desafios do século 21.

#### **4 O OUTRO NA ESCOLA: VISIBILIDADE, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**

Outro ponto relevante para essa discussão é: Como a escola trata a inclusão e a exclusão? Para esclarecer essas ideias, recorreremos às reflexões de Michel Foucault, que oferece uma lente potente para a análise das práticas educativas contemporâneas ao investigar os mecanismos de poder e controle nas instituições sociais, questionando as formas pelas quais a escola classifica, disciplina e molda os indivíduos. A dicotomia foucaultiana entre exclusão (leproso) e inclusão (peste) revela a complexidade das estratégias de controle. Na escola, tanto a exclusão quanto a inclusão podem servir a fins semelhantes: a manutenção da ordem e a adaptação dos indivíduos às normas estabelecidas. A avaliação, a classificação e o



acompanhamento individualizado, por exemplo, são mecanismos que visam controlar e disciplinar os alunos, moldando-os para o futuro que a sociedade lhes reserva. É assim que essa instituição milenar, em muitos casos, trata o OUTRO. A visibilidade é outro elemento central neste processo de controle. Ao tornar os alunos visíveis, a escola os transforma em objetos de conhecimento e intervenção. Essa visibilidade, no entanto, é seletiva e muitas vezes esconde desigualdades e diferenças. A escola tende a valorizar certos tipos de conhecimentos e habilidades, marginalizando aqueles que não se encaixam nesse padrão.

A previsão e a padronização também são características marcantes das práticas escolares. A escola tenta prever o futuro dos alunos com base em dados e rankings, o que contribui para a criação de expectativas e o estabelecimento de identidades. Em vez de valorizar a singularidade de cada indivíduo, essa prática contribui para a homogeneização e reprodução das desigualdades sociais. A análise da produção do sucesso e fracasso escolar, por sua vez, revela como esses conceitos são socialmente construídos e como a escola desempenha um papel fundamental nesse processo. Ao estabelecer critérios arbitrários de sucesso, a escola classifica os alunos em bem-sucedidos e malsucedidos, reforçando as desigualdades sociais e contribuindo para a exclusão de uma parte significativa da população.

Para além da sala de aula, é fundamental que as escolas estabeleçam alianças com a comunidade e outras instituições sociais para construir redes de apoio que promovam a equidade e a inclusão, ou seja, que coloquem a alteridade no centro do processo educativo. Ao envolver famílias, profissionais de saúde e assistência social e outros atores da comunidade, a escola amplia suas possibilidades de ação e fortalece o desenvolvimento integral dos alunos, superando as limitações individuais e promovendo a transformação social.

Diante desse cenário, é urgente repensar nossas práticas pedagógicas. Precisamos questionar as formas como classificamos e avaliamos os alunos, buscando alternativas que valorizem a diversidade e promovam a inclusão. Para Rattero (2021), precisamos questionar as imagens que temos em nossas mentes do que é uma escola "normal" ou "comum", pois elas são construídas diacronicamente e carregam valores, crenças e preconceitos que podem ser um obstáculo à inclusão. O mesmo autor prossegue dizendo que a promoção da inclusão deve ir muito além da simples incorporação de alunos com necessidades especiais nas escolas. O movimento, portanto, deve consistir em desconstruir os pressupostos que sustentam a concepção de que a escola é um lugar homogêneo onde todos aprendem da mesma forma e no mesmo ritmo. Portanto, anular a qualidade e universalizar a experiência são duas atitudes que prejudicam o processo de ensino-aprendizagem. O primeiro refere-se ao fato de que as escolas tendem a ignorar as diferentes formas de aprender e pensar de seus alunos em uma tentativa errônea de impor uma única forma de ensinar e aprender, causando assim um processo de exclusão. O segundo refere-se à tendência de generalizar as experiências de ensino e aprendizagem como se todos os alunos fossem iguais. A escola deve



se tornar um espaço acolhedor e de desenvolvimento integral, onde todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e crescer.

## **5 EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ALTERIDADE E DIDÁTICA: PARA ALÉM DO DISCURSO**

Toda essa reflexão até aqui nos convida a pensar também sobre a relação entre a educação inclusiva e a importância da didática nesse processo. A didática, como ciência da educação dedicada aos métodos e técnicas de ensino, desempenha um papel fundamental na construção de práticas pedagógicas que valorizem as diferenças individuais e promovam a inclusão e a alteridade. Concordamos com Lesteime (2021, p. 19) quando afirma que:

A didática tem a ver com o como de ensinar, por isso é suposto ser um derivado de princípios gerais que orientam as ações para atingir determinados propósitos formativos. A didática refere-se às estratégias técnicas e à organização de espaços e tempos. Mas também é possível associá-lo à visão de conjunto que racionaliza essas ações de acordo com fins sociais, econômicos, políticos e culturais.

Conclui-se que a didática envolve vários aspectos, como a escolha das técnicas de ensino, a organização das atividades, a gestão do tempo e do espaço. No entanto, vai além. A didática também está ligada a uma visão mais ampla que leva em consideração os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais em que a educação ocorre. Em outras palavras, a didática não é apenas um conjunto de ferramentas, mas um campo de estudo que busca compreender e transformar a prática educativa, sempre levando em consideração os desafios e demandas da sociedade. Assim, considerando a complexidade da educação inclusiva, é preciso transcender os discursos vazios sobre inclusão, destacando a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem as diferenças individuais de cada aluno.

O poder transformador das palavras nos alerta para a importância de uma linguagem cuidadosa e incentivadora no ambiente escolar. A frase "você não pode aprender", repetida como um mantra, torna-se uma profecia autorrealizável, limitando as possibilidades de desenvolvimento do aluno. A construção de um vínculo pedagógico baseado na alteridade, por outro lado, nos convida a ver cada aluno em sua singularidade, promovendo um ambiente escolar acolhedor e respeitoso.

Portanto, a educação inclusiva vai além da mera presença física dos alunos na escola. Requer um reconhecimento simbólico de suas identidades e diferenças, o que implica uma mudança de paradigma na forma como entendemos a aprendizagem. Devemos romper com a ideia do aluno padrão e valorizar a diversidade de ritmos, estilos e formas de aprendizagem. Para que a inclusão seja efetiva, é essencial que as escolas ofereçam educação de qualidade para todos, adaptando seus métodos e recursos às necessidades de cada aluno.



## **6 INTERCULTURALIDADE COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA**

Em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, a interculturalidade está emergindo como um imperativo para construir sociedades mais justas e equitativas. A capacidade de viver e interagir significativamente com pessoas de diferentes origens culturais, valorizando suas particularidades e promovendo o diálogo, é essencial para a convivência pacífica e o desenvolvimento humano.

Nesse contexto, a linguagem é uma ferramenta poderosa para a construção de pontes entre culturas, facilitando a comunicação, a compreensão mútua e o estabelecimento de relações intersubjetivas. A interculturalidade implica, portanto, um processo de reconhecimento e valorização da alteridade, buscando construir relações autênticas e respeitadas baseadas no diálogo e na compreensão mútua. Tendo em vista que a sala de aula é um espaço multicultural, onde cada indivíduo carrega sua própria bagagem cultural, fruto de suas experiências, promover o diálogo intercultural é uma forma poderosa de valorizar o OUTRO. Em outras palavras, é uma forma de aumentar a alteridade. Portanto, para que possamos colocar cada vez mais a alteridade no centro do processo educativo, devemos compreender o conceito de cultura, que pode ser entendido como um sistema simbólico que surge das relações socioculturais entre os indivíduos e seu contato com a comunidade em que vivem (GEERTZ, 1989) e o conceito de interculturalidade, que é definida por vários teóricos, por exemplo, como a coexistência entre indivíduos de diferentes grupos, países, civilizações e diferentes crenças religiosas (ESTERMAN, 2010).

A educação intercultural, nesse sentido, vai além do multiculturalismo, pois valoriza tanto a singularidade de cada cultura quanto o estabelecimento de relações recíprocas entre grupos de diferentes origens culturais. A interculturalidade é entendida como uma forma de desenvolver processos educativos que levam em conta a complexidade das relações humanas entre diferentes indivíduos e culturas (Fleuri, 2000). Para este autor, a interculturalidade é entendida como uma possibilidade de desenvolver processos educativos que levem em conta a complexidade das relações humanas entre diferentes indivíduos e culturas." Essa afirmação mostra que a interculturalidade não se limita à mera convivência de diferentes culturas, mas requer um trabalho pedagógico intencional que promova o diálogo, o respeito mútuo e a valorização da alteridade.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vivemos em um mundo composto por grandes variedades de culturas, tradições e crenças, e entender esse cenário é muito importante. De acordo com SANTOS (2008), "Hoje vivemos em um cenário multicultural", e esse panorama cada vez mais complexo e diverso nos leva a questionar as estruturas de poder que se querem universais e absolutas. Em suma, alteridade e interculturalidade são conceitos fundamentais para a educação contemporânea, pois, ao valorizar as diferenças e promover o diálogo, a



escola pode se tornar um espaço de construção de identidades plurais e de fortalecimento da cidadania. No entanto, a implementação da interculturalidade requer uma mudança profunda nas práticas pedagógicas e na formação de professores. Precisamos superar desafios e construir um currículo que reflita a diversidade cultural, valorizando diferentes formas de conhecer e aprender. A escola do futuro deve ser um lugar onde todos se sintam acolhidos e valorizados, independentemente de suas origens e identidades.

Para além da sala de aula, a promoção da interculturalidade requer a criação de alianças com a comunidade e outras instituições sociais. Ao envolver famílias, profissionais de saúde e assistência social e outros atores da comunidade, a escola amplia suas possibilidades de ação e fortalece o desenvolvimento integral dos alunos, superando as limitações individuais e promovendo a transformação social. É fundamental que a escola esteja aberta ao diálogo com diferentes culturas e saberes, valorizando os saberes locais e as experiências de vida dos alunos. Com isso, a escola contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos tenham oportunidades de desenvolvimento e participação. Ao longo deste trabalho, buscamos demonstrar a importância da linguagem na construção de uma educação mais justa e inclusiva. A escolha das palavras, a forma como nos comunicamos e os discursos que reproduzimos têm um impacto significativo na vida das pessoas e na sociedade como um todo.

Valorizar tanto a singularidade de cada cultura quanto o estabelecimento de relações recíprocas entre grupos cujas matrizes culturais são diferentes. Esse fato corrobora o pensamento de MEIRIEU (2013), quando afirma que um dos requisitos fundamentais da educação é compartilhar com nossos alunos os valores fundantes da democracia, como o respeito à autoridade e a busca da convicção sem derrota. A interculturalidade, nesse contexto, apresenta-se como uma forma de concretizar esses valores, promovendo o diálogo, o respeito mútuo e a valorização da alteridade.

Ao valorizar a diversidade, promover o diálogo e desafiar os discursos dominantes, podemos construir escolas verdadeiramente transformadoras e preparar os alunos para os desafios do século 21. A educação, nesse sentido, vai além da transmissão de conteúdos, implicando na formação de cidadãos críticos, reflexivos, capazes de construir um futuro mais justo e equitativo para todos. Por fim, retomando a frase de Rätero (2021), podemos dizer que a forma como nomeamos o mundo constrói nossas possibilidades de ver e construir novos mundos. Ao usar a linguagem de forma consciente e crítica, podemos construir escolas acolhedoras, respeitosas e espaços de aprendizagem para todos. É preciso entender que "entre quem ensina e quem aprende, talvez sejam apenas pequenos gestos: aqueles que podem gerar espaços, tempos, encontros, atrasos e aberturas, gestos que abrem portas, nas vulvas da libélula. (LADRÃO, 2021, p.32)

A perspectiva intercultural, nesse sentido, vai além do multiculturalismo, pois valoriza tanto a singularidade de cada cultura quanto o estabelecimento de relações recíprocas entre grupos cujas matrizes culturais são diferentes. Esse fato corrobora o pensamento de MEIRIEU (2013), quando afirma que um dos



requisitos fundamentais da educação é compartilhar com nossos alunos os valores fundantes da democracia, como o respeito à autoridade e a busca da convicção sem derrota. A interculturalidade, nesse contexto, apresenta-se como uma forma de concretizar esses valores, promovendo o diálogo, o respeito mútuo e a valorização da alteridade.



## REFERÊNCIAS

EASTERMAN, J. Interculturalidade: diversidade viva. La Paz: 2010.

FLEURI, R.M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. In: CANDAU, V. M. (Org.). Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

LESTEIME, Daniel (2021) Notas e reflexões sobre didática. Rosário, Homo sapiens.

LUZURIAGA, Lorenzo (1992) Idéias pedagógicas do século XX. Buenos Aires:

MEIRIEU, Philippe (2013) "A Opção de Educar e a Responsabilidade Pedagógica" MEN. República Argentina.

PINEAU, Pablo (2001): Por que a escola triunfou? ou a modernidade disse: "Isso é educação" e a escola respondeu: "Eu cuido disso", in: Pineau, P; Dussel, I.; Carusso, M: *A escola como máquina educativa*, Buenos Aires, Paidós.

RATTERO, Carina (2021) Ensaaios sobre Educação e Alteridade. Goya, Arandu.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2008), *Conocer desde el Sur. Por uma cultura política emancipatória*. La Paz: CLACSO.